



PERCEPÇÃO E MOTIVAÇÃO NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA

Ana Carolina de Oliveira Faria; Claudia de Oliveira Faria

UERJ/USP; UFRJ

INTRODUÇÃO

Aulas de campo podem favorecer o estabelecimento de referências positivas em relação aos ambientes naturais por meio de valores estéticos, principalmente nos alunos de Ensino Fundamental, segundo Seniciato e Cavassan (2004). Estes autores notam ter havido, no ensino de Ciências, um aumento na importância conferida às emoções, sentimentos e motivações para a promoção de uma aprendizagem mais significativa de conceitos científicos. Para eles, as aulas desenvolvidas em ambientes naturais são eficazes por envolverem os alunos. Para Willison (2003), a interação das pessoas com o ambiente natural tem sido cada vez menor, devido ao crescente processo de urbanização. O contato direto com a beleza e a diversidade encontradas na natureza pode ser um instrumento para veicular o conhecimento e a sensibilização ambientais. Assim, o ensino em jardins botânicos pode desempenhar um papel importante na conscientização dos alunos sobre os problemas ambientais atuais, fazendo-os conhecer o seu lugar no ecossistema e explorar maneiras de reduzir o seu impacto sobre o meio ambiente, estimulando posturas mais éticas.

OBJETIVOS

Baseando-se no estudo de Seniciato e Cavassan (2004), este trabalho busca averiguar percepções e emoções suscitadas em alunos durante uma visita ao Jardim Botânico do Rio de Janeiro, através de questionário e de observação, de modo a avaliar o pressuposto de que atividades em espaços não-formais de educação são envolventes e motivadoras (Seniciato & Cavassan, 2004).

MATERIAIS E MÉTODOS

O presente relato constitui um teste piloto, realizado com onze crianças (três meninas e oito

meninos), de 9 a 11 anos, pertencentes à mesma turma de 5º ano (antiga 4ª série) do Ensino Fundamental de uma escola particular localizada na cidade do Rio de Janeiro. Acompanhamos a visita dessa turma ao Jardim Botânico, realizada numa manhã do mês de maio de 2007, procurando apenas observar as crianças, sem interferir na dinâmica proposta pelos membros da escola. Ao longo do percurso, registraram-se as verbalizações das crianças em relação ao local. Após o trajeto, aplicou-se um questionário, composto de 22 questões, envolvendo expectativas, emoções, percepções e aprendizado dos alunos, sendo seis perguntas fechadas (múltipla escolha), nove abertas e seis mistas (elegia-se uma alternativa, que deveria ser justificada ou explicada livremente). A aplicação do questionário durou cerca de quinze minutos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A visita foi coordenada pela professora da turma, juntamente com dois outros membros da escola. Houve ênfase dos aspectos históricos do Jardim Botânico (como a sua fundação por D. João VI) e descrições de algumas plantas, de acordo com o Roteiro elaborado pelo Núcleo de Educação Ambiental do Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro (IPJBRJ, 1998). Durante a visita, não foi pedido para as crianças observarem ativamente as plantas, nem explicitado que elas poderiam tocá-las e cheirar suas flores e folhas; ao contrário, por várias vezes houve orientações para que as crianças não mexessem em nada. No entanto, os alunos se mostraram atentos, observando plantas que não foram mencionadas pela professora, como o pau-brasil e a jaqueira. Por várias vezes, as crianças perguntaram pela vitória-régia, demonstrando muita vontade em vê-la. Uma das alunas explicou à pesquisadora que a turma está lendo um livro para-didático sobre a Amazônia, e que queria

conhecer a vitória-régia “antes mesmo de ver no livro”. Já no início da visita, uma menina chamou a atenção da professora, dizendo: “Tia, aqui tem um ar muito puro”. Ao longo do percurso, outro aluno relatou, espontaneamente: “O ar daqui é muito bom, purificante!”, explicando que “as pessoas acham que não, mas faz muita diferença o ar de perto das árvores”. Este menino também concluiu, próximo ao fim da visita: “Aqui é bom mesmo para relaxar, sai o estresse!”. Assim como em Seniciato e Cavassan (2004), neste trabalho houve a preocupação em constatar o que mais despertou o interesse dos alunos durante a visita, utilizando a pergunta “De que parte do Jardim você mais gostou?”. Neste quesito, quatro alunos afirmaram ter gostado de tudo; três apontaram as vitórias-régias, justificando “quando vi, fiquei fascinado”, “eu nunca tinha visto uma” (o deslumbramento por essa planta já havia sido demonstrado espontaneamente na visita); dois preferiram o Jardim Japonês; um falou das árvores, “porque elas são altas e bonitas”; e um gostou mais das estátuas, “pois simbolizam os fundadores”. Observaram-se, durante o trajeto, várias reações emocionais das crianças em relação ao que viam no Jardim: “Queria morar aqui”, “Que (cactus) lindo!”, “Eu adoro aquelas florzinhas rosas”, “Eu amo açaí”, “Quem ama, respeita!”, “Ah, se a escola fosse aqui dentro...”. Quatro alunos informaram já conhecerem o Jardim Botânico, e todos responderam que queriam ir a esta visita, assinalando que estavam “animados” na questão sobre como se sentiam ao chegar ao local. Em relação à estética do Jardim, todos os alunos o classificaram como “muito bonito”, justificando a resposta em relação à natureza: “Tem muitas árvores e plantas”, “Porque a vegetação é linda”, “Porque as plantas fazem um conjunto muito bonito”, “Porque tem muitas flores diferentes”, “Porque tem tipos de planta que eu não conhecia”, “Porque ele é como se fosse uma floresta, o que eu gosto muito”. A respeito de emoções suscitadas, perguntou-se como os sujeitos se sentiam após a visita. Cinco sujeitos relataram estar mais alegres; um relatou estar “triste por ir embora”; outro, estar “mais interessado”; e outro respondeu estar se sentindo bem. Outras respostas foram: “Estou vendo mais coisas” e “Calmo”. Perguntou-se qual a cor que mais chamou a atenção durante a visita. Cinco crianças apontaram o verde, justificando que “quase tudo é verde”, “eu gosto e tinha muito”, “aparece em quase todas as plantas”. Quatro alunos responderam ser o vermelho: “a

rosa vermelha”, “porque é a cor preferida”, “é autêntico”. Um aluno respondeu “A rosa clara. Porque era linda”. A resposta de uma menina foi “Todas”. Em relação a tocar nas plantas, oito sujeitos relataram não as terem tocado. Um deles respondeu que “queria ter sentido, mas não podia tocar”, provavelmente devido à orientação recebida. Os três que tiveram essa experiência responderam sentir “que era liso e áspero”, “áspero”, “uma sensação boa”. Quanto a cheirar, seis alunos afirmaram não terem cheirado nenhuma planta; dos que cheiraram, dois apontaram a rosa como a preferida e os outros três, a canela. Perguntadas sobre quais os sons percebidos durante a visita, as crianças relataram terem ouvido os sons “da natureza”, “das plantas”, “do vento”, “da água”, “dos pássaros e do Meio Ambiente”. Um dos sujeitos narrou não ter ouvido som nenhum. Todos os alunos relataram ter aprendido coisas novas durante a aula no Jardim Botânico; três enfocaram este aprendizado nos aspectos históricos, provavelmente devido ao enfoque deste aspecto durante a visita (“A história do Jardim Botânico”, “Que isso tudo era a área de lazer de D. João VI”), enquanto que outros sete, nos aspectos biológicos (“Sobre as plantas”, “As plantas e a importância delas”, “Como é a vitória-régia”, “Sobre a natureza”). Um dos alunos respondeu vagamente: “Tudo”.

CONCLUSÃO

De posse do conhecimento do que mais agradou aos alunos, pode-se desenvolver uma metodologia de ensino de Ciências mais prazerosa, bem como o planejamento de um roteiro de visita ao Jardim Botânico mais adequado às expectativas dos alunos, contribuindo para um ensino mais efetivo. Para Damásio (1998), há uma estreita relação entre as emoções e a razão. Se o ensino preocupar-se em proporcionar emoções positivas aos alunos, provavelmente formará adultos mais aptos a tomarem decisões sensatas e a respeitarem o valor da vida (Seniciato & Cavassan, 2004; Damásio, 1998). Emoções positivas em relação à natureza, suscitadas desde cedo, podem contribuir para o desenvolvimento de uma atitude de preservação do meio ambiente. A partir dos resultados preliminares aqui apresentados, constata-se que os alunos alegaram sensações positivas a partir desta visita, as quais podem ter despertado ou aguçado o interesse pela preservação ambiental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DAMÁSIO, A. R. O Erro de Descartes. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 330 p.

INSTITUTO DE PESQUISAS JARDIM BOTÂNICO DO RIO DE JANEIRO. Conhecendo Nosso Jardim: Roteiro Básico (Caderno 1). 2. ed. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 1998. 60p.

SENICIATO, T. & CAVASSAN, O. Aulas de Campo em Ambientes Naturais e Aprendizagem em Ciências - Um Estudo com Alunos do Ensino Fundamental. *Ciência & Educação*, v. 10, n.1, p.133-147. 2004.

WILLISON, J. Educação Ambiental em Jardins Botânicos: Diretrizes para Desenvolvimento de Estratégias Individuais. Rio de Janeiro: Rede Brasileira de Jardins Botânicos, 2003.